

organizadores
patricia bieging e victor aquino



2015

imaginário, estratégia e experiência

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C758 Consumo: imaginário, estratégia e experiência. Patrícia Biegging, Victor Aquino, organizadores. São Paulo: Pimenta Cultural, 2015. 231p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-66832-34-1 (eBook PDF)

1. Consumo. 2. Comércio eletrônico. 3. Internet. 4. Publicidade e propaganda. 5. Televisão. 6. Cinema interativo. 7. Livro digital. I. Biegging, Patrícia. II. Aquino, Victor. III. Título.

CDU: 366

CDD: 300



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição – Uso Não Comercial – Não a Obras Derivadas (by-nc-nd). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural pelos autores para esta obra. Qualquer parte ou a totalidade do conteúdo desta publicação pode ser reproduzida ou compartilhada. O conteúdo dos artigos publicados é de inteira responsabilidade de seus autores, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

Victor Aquino

ATIVISMO LITERÁRIO NO FACEBOOK

INTRODUÇÃO

Vive-se em uma época de neologismos, revisões conceituais e ajustes do conhecimento. É um tempo que sucede ao advento das tecnologias. Momento da história em que o próprio conhecimento sofre o dilema daquilo que era certo e aceito, e que passa a ser questionado. Mas é um tempo que precede um outro modo de ver e interpretar o mundo.

Em uma obra bastante significativa e intrigante, o autor considera que os conteúdos do conhecimento, principalmente no que se refere à arte, estão por alterar a maneira como até agora se concebiam determinados conceitos (THOMPSON, 2014). Pois o acesso aos meios de comunicação, segundo ele, são mais importantes que os meios de comunicação em si.

Terá sido esta oportunidade de acessar qualquer meio de comunicação, não apenas individualmente, como no conjunto de mais seres humanos, produzindo reflexões, expandindo opiniões e, sobretudo, gerando uma participação muitas vezes de difícil interpretação, que tornou possível rever antigos conceitos. Mais ou menos aquilo a que Ted Preston denomina “percepção comum” do mundo em que se vive (Preston, 2015).

Pode ser que seja essa percepção comum do mundo que projeta uma perspectiva sobre a qual todos os olhares convergem. Ainda que essa convergência não seja, necessariamente, de nítida similaridade, de total disparidade ou entendida como algo comum a ser construído.

O caso bastante recente no mundo da ativa participação social em questões políticas, proporcionado pelo que se convencionou chamar de “redes sociais”, por exemplo, é uma boa demonstração dessa aparente confusão, turbulência ou mesmo inadequada formulação de opiniões acerca de qualquer questão. Pois sempre haverá opinião favorável, como sempre existirá opinião desfavorável a qualquer coisa. O importante, então, não são as opiniões, mas a oportunidade de que elas existam, sejam manifestadas e que, no curso do tempo, contribuam para algum tipo de construção.

POLÍTICA E LITERATURA

Aparentemente, ideias que se opõem e entram em conflito, do modo como se percebe o embate que elas suscitam nas redes sociais, seriam prerrogativa do campo político. No entanto, por mais comuns que sejam tais embates nesse terreno, muitas outras acontecem em outros domínios.

Ainda que se possa dizer que qualquer discussão, acerca de qualquer assunto, seja também política, a especificidade dos temas tratados remetem a condições particulares. Caso, por exemplo, daquelas discussões que acontecem em âmbito das igrejas. Temas que também já ensejaram boas reflexões acadêmicas. Cite-se, a mero título de exemplo, *Lay activism and the high church movement of the late eighteenth century* (ANDREWS, 2015).

Assim, arte e literatura, como direitos civis, gênero, gastronomia, consumo, mesmo que tudo possa ser percebido e entendido como política, conserva cada assunto, cada tema, uma especificidade que leva às opiniões, sejam elas comuns ou divergentes, cujos desdobramentos, como se espera, possam servir à construção de bases de entendimento comum.

Nos últimos três anos (e este recorte é importante para se entender a dimensão e a importância dos debates correspondentes), o Facebook vem servindo de “plataforma” para uma discussão constante acerca de poesia e literatura. Com surgimento, primeiro na Argentina, a seguir no Peru, México e Colômbia, grupos de discussão e produção literária acabaram alcançando também Brasil, Portugal e Espanha. Discussões que não apenas introduzem a questão do gosto literário, como remetem a uma reflexão de “domínio” sobre gosto, estilo e propriedade intelectual.

“Domínio” porque se trata de um assunto no qual, pelo menos até aqui, esses temas têm sido conduzidos na esfera da crítica literária. Todavia, como Oldfield considera, a esfera crítica já vai ficando cada vez mais distante do usuário comum, tornando-se uma “ponte sem uso” entre leitor, produtor editorial e autor (OLDFIELD, 2014). Aliás, não são raros os autores que, de uns tempos para cá, consideram o assunto desse modo. Broekman e Slater, vão até mais longe quando tratam de um quase “apocalipse” provocado pela Net (BROEKMAN, 2013).

Desse modo, não importa em que contexto, seja naquele da dimensão política que leva à participação física de quem opina, escreve, concorda, gosta, não gosta, discorda de alguma coisa, seja em outra dimensão, volta tão só e unicamente à expressão de ideias, tudo se deve ao oferecimento de condições aportadas pelas tecnologias, que tornaram tudo isto possível.

Em um trabalho bastante recente, *Social movements and new technology* (CARTY, 2015), pode-se verificar como a tecnologia modificou o cenário do chamado “teatro da participação”, transformando os antes espectadores em atores principais. Mesmo descontando todos os excessos dessa participação, o que se evidencia em importância diz respeito, sobretudo, ao modo como deixaram de ser importantes todos os meios de comunicação tradicionais.

O que antes era apenas notícia, análise unidirecional, reportagem investigativa, oferecendo às audiências conclusões a respeito de tudo, agora são apenas suporte do que se percebe, do que se entende, do que se pensa e do que se faz. Nesse sentido, então, tudo se modifica. Pode-se até mesmo afirmar que os meios de comunicação, ou se transformam, eles próprios, em agentes de interlocução, ou estarão fadados a uma transformação sem volta, enquanto meros personagens de uma “crônica histórica” a ser guardada para leitura e estudos no futuro.

No campo da literatura, principalmente, desaparecem (ou se reduzem em importância) as produções críticas, os juízos de valor, as reportagens de conteúdo, as resenhas, os comentários – tudo que tem origem em terceira fonte e, por isso mesmo, também unilateral – para dar lugar à participação de autores e leitores. Seria como dizer que se quebrou uma cadeia de valor ancestral. Em seu lugar está emergindo um novo tipo de relação direta entre quem escreve e quem lê. Eis o que é.

FACEBOOK E ATIVISMO LITERÁRIO

São centenas desses grupos. O curioso, na formação de cada um deles, é a origem. Quase sempre alguém que escreve alguma coisa para si mesmo, que jamais publicou, que não pensou publicar, ou foi preterido pela produção editorial, toma a iniciativa de criar um grupo para exposição das próprias criações. Contudo, pouco a pouco começam a surgir comentários a respeito do que se publica (e nem sempre os comentários são construtivos, objetivos ou meramente racionais), induzindo ao debate do que foi exposto.

À medida em que um desses grupos cresce, dependendo de quem o criou, ou de quem o coordena, os comentários continuam, ou os autores de *post* são desligados do grupo. Tudo leva um certo tempo entre a criação do grupo e o estilo de discussão que adota.

Um deles, por exemplo, *El universo de la poesía*, criado pelo médico doutor Victor Manuel Calvo, de Rosário, Argentina, é aquele em que, no meu entender, mais se ajusta a um conceito de participação democrática.¹ Outro, com uma concepção mais fechada, *Poesía nómada*,² dirigido por Erik René Pauta Crespo, aparentemente um pequeno editor de web sites na Argentina, tem extensa rede de membros. Contudo, a participação é sempre “acompanhada de perfo” por esse coordenador, que se opõe pessoalmente a qualquer participação que não julgue conveniente.

Outro grupo, auto intitulado *Amigo de las letras – grupo secreto*,³ aparentemente mais aberto, reúne não apenas autores, ou candidatos a autores, como uma extensa lista de professores universitários no Brasil, México,

1. El universo de la poesía - <https://www.facebook.com/groups/1462924183971500/>.

2. Poesía nómada - <https://www.facebook.com/groups/poesianomada/>.

3. Amigo de las letras – grupo secreto - <https://www.facebook.com/groups/978051565538447/members/>.

Colômbia, Peru, Bolívia, Equador, Chile. O interessante nesse grupo é a proposta de câmbio nas relações entre autores e produtores editoriais.

Para se entender melhor essa proposta, deve-se observar a prática mais comum vigente nas relações entre autores, ou candidatos a autores, que procuram publicar seus escritos e normalmente são atendidos em uma de duas opções: ou compram integralmente a edição de suas obras, ou pagam parcialmente a produção correspondente, assumindo também os gastos com a distribuição. Ou seja, não há campo de divulgação possível para qualquer produção. Principalmente de iniciantes.

Agrava-se esta situação a partir da intervenção daquilo que se conhece como “crítica”, “resenha”, matéria de divulgação (principalmente em jornal) e outros meios de citação em canais de comunicação. Um processo que, pelo menos aparentemente, foge a qualquer controle. Processo que, igualmente, pode ser configurado como processo de mão única, diferente do que começa a ocorrer na interlocução das redes.

Interessante observar que mesmo a partir das ligações de membros dos três grupos citados aqui, consegue-se perceber o alcance de milhares de pessoas. Apenas como demonstração inicial, basta ver a partir do quadro de membros desta última, a participação de *Un universo de lectura*, *Frases poesía*, *Libros y escritores Wattpad*, *Poesias históricas*, *Espacio libre Chile*, *Culturas vivas*, *Poesia barata*, *Difusor literário*, *Tarjetas amor*, e assim por diante. São milhares de pequenos grupos, de membros que se classificam como grupos e de participantes que atuam em uma militância comum, voltada para – pelo menos – serem percebidos e aceitos como poetas, ganhando o prêmio da leitura imediata, espontânea e gratuita de suas composições.

Localizam-se centenas de usuários individuais, cuja participação na rede está circunscrita à militância literária. Individualmente, são usuários no Brasil, Portugal, Espanha, México, Colômbia, Argentina, Uruguai, Paraguai, Peru, Bolívia e Chile. Se forem somados os usuários com interesse específico em arte, teatro, música erudita, essa soma se estenderá por alguns milhares.

Interessante ver que nada constringe autores no “hemisfério” da rede. Coisas como forma e conteúdo, em outras circunstâncias objeto de discussões teóricas, não cabem neste espaço. Isto porque discussões teóricas são, na maioria das vezes, “propriedade” de uma circunstância externa à criação poética. Isto é, da crítica e dos meios de comunicação. O que significa dizer que são críticos e profissionais desses meios que “orientam” em matéria de gosto, de moda e de tendência daquilo que se lê, como daquilo que deve ser lido.

Recentemente, em um capítulo de obra em lançamento, *Cem triliças sem trilha: poesia e neologismo* (AQUINO, 2015), tive ocasião de considerar – de um ponto de vista estritamente pessoal – a natureza da obra poética. O que ela significa para quem a produz, o que ela significa para quem a aprecia e o que ela significa no contexto do “mundo arrumadinho”. Mundo este que se move a partir de um protocolo. Protocolo que não foi formulado por nenhum autor. O que dificulta muito as relações no universo literário.

Ou o autor dispõe de um “aval”, ou integra determinado “círculo”, ou é nada disso e se expõe a um “cheque” de considerações (na maior parte das vezes desfavoráveis) e encerra, sem iniciar, a própria “carreira.

Quando se olha para a participação em rede de tantas centenas de autores, quando se lê o que a maioria produz, quando se percebe como começam a se comportar as editoras, começa-se a ter a certeza de que algo começou a ser alterado. Não que a simples participação nesses grupos de ativismo literário possa transformar qualquer autor em “celebridade” literária. Não. O que muda é algo muito semelhante ao que já está ocorrendo na esfera da política partidária. Mal comparando, quando se olha o ativismo político desencadeado na rede, imediatamente se percebe que os partidos começam a se inserir no mesmo contexto. É algo semelhante ao que já está acontecendo com as editoras. Elas também já se inseriram nas redes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um trabalho extremamente revelador, *Activism* (ENO, 2015), pode-se verificar claramente que o ativismo é um mero instrumento. Até se poderia dizer, metaforicamente, que é como uma bicicleta. Alguns conseguem andar muito bem. Outros, tendo pouca prática, não se arriscam muito. Há também os que não sabem e necessitam aprender. Como existem tantos que, sabendo pedalar muito bem, chegam a cometer excessos.

O ativismo, seja da natureza que for, requer uma certa disciplina, um certo cuidado, uma certa cautela. Nem toda oportunidade que surge para uma manifestação individual chega a ser, necessariamente, uma boa oportunidade (por vezes considerada única) para o sucesso de uma manifestação.

Quase sempre a temeridade, a falta de estratégia, o bloqueio sistemático provocado por outros participantes mais audazes, reduzem (ou contribuem para reduzir) a eficiência de uma manifestação. Seja em que nível, seja da natureza que for. No universo da literatura, amplamente, nada é muito diferente. Uma quantidade enorme de obras poéticas serão perdidas por falta de disciplina, estratégia e, principalmente, coordenação entre os participantes de um mesmo grupo.

Outro dado a ser levado em conta diz respeito à vaidade pessoal, seja de autores, seja de simples participantes, mas seja sobretudo de coordenadores de grupos. Alguém até poderia dizer, “quando o ego fala mais alto”. Momento em que se transferem para as redes daquilo que eu denominaria “militância literária”, toda a idiossincrasia da vida real. Quando de pouco ou nada terá valido a pena a utilização da rede, fazendo reproduzir, também nesse espaço, tudo que ocorre historicamente na esfera das práticas tradicionais.

A partir do momento em que editoras começaram, não apenas a aderir aos principais grupos no terreno da “militância”, do “ativismo” ou da “participação literária”, mas a organizarem seus próprios grupos, sobre os quais mantêm total controle, também se começou a verificar a repetição das mesmas práticas de uma relação unilateral “editor / autor”. O que nos leva à seguinte indagação: “se a rede social é campo de autonomia da pessoa, ou de um grupo ao qual pertença, a supressão dessa autonomia não regride o projeto de independência e liberdade?”

Talvez sim, talvez não. Sim, do ponto de vista da cooptação do grupo pelo detentor do negócio “livro”, que momentaneamente ainda insiste em manter o controle sobre ele. Não, se entendida a questão em uma perspectiva de superação. Pois nada, nem ninguém, conseguirá manter, ou preservar, o controle sobre a rede.

Essas questões, de um modo geral, acabam sendo tratadas na obra *The hyperlinked society: questioning connections in the digital age* (*The new media world*) (TSUI, 2008). Há como uma “síndrome” que afeta o círculo da participação social – com ou sem contestação – que, de algum modo, acaba inviabilizando o projeto que leva à participação social. Em outra obra, já bem antiga, que trata dos movimentos sociais da segunda metade do Século XX, há abordagem semelhante (CORRÊA, 1989).

Discutindo o surgimento e a evolução dos movimentos beatnik, hippie e punk, demonstra como as rupturas ocorridas como forma de protesto no mercado fonográfico, ensejando o aparecimento de “gêneros não comerciais”, acabaram sendo cooptadas pelo próprio mercado fonográfico, sendo outra vez transformadas em “mercadoria”. Algo semelhante ao que começa a ocorrer no campo desse aparente “ativismo literário”, em que, tendo encontrado outra via de expressão, os autores antes “marginalizados” pelo mercado editorial, começam a ser outra vez colocados no mesmo lugar pelo mesmo mercado, a partir dessa “nova” via de expressão. O que leva à constatação, outra vez, de uma espécie de “síndrome”.

Todavia, nada será para sempre, como nada é remédio definitivo para tudo.

A rede social, no caso o Facebook, por um fenômeno mercadológico típico, ensejou a oportunidade de participação, não apenas em questões políticas propriamente ditas, como em um sem número de circunstâncias. São igrejas, grupos religiosos, gastronômicos, artísticos (incluindo artes visuais, artes cênicas, música erudita e popular), esportivos, educacionais, de lazer e assim por diante, que se utilizam da rede para se manifestar.

Não teria sido diferente no que concerne à literatura. Os contingentes que assomam nesse campo são cada vez mais numerosos. Uma oportunidade de “vez” e “voz” a quem deseja se expressar literariamente. A quem produz poesia, independente da regulação de uma terceira via e que, certamente, sempre encontrará eco na recepção do gosto comum. E este é o lado bom e positivo desse gênero de militância.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, Robert M. **Lay activism and the high church movement of the late eighteenth century**: the life and thought of William Stevens, 1732-1807. Leida, Brill Academic, 2015.
- AQUINO, Victor. **Cem triliças sem treliça**: poesia e neologismo. São Paulo, INMOD, 2015.
- BROEKMAN, Pauline van Mourik; Slater, Josephine Berry. **Proud to be flesh** - A mute magazine anthology of cultural politics after the Net. Berlin, Mute, 2013.
- CARTY, Victoria. **Social movements and new technology**. Boulder, West View Press, 2015.
- CORRÊA, Tupã Gomes. **Rock nos passos da moda**. Campinas, Papirus, 1989.
- ENO, Henry Lane. **Activism**. Boston, Leopold Classic Library, 2015.
- OLDFIELD, Sybil. **Thinking against the current**: literature and political resistance. Eastbourne, Sussex Academic Press, 2014.
- PRESTON, Ted M. **Introduction to philosophy**: a way of life. Seattle, CreateSpace, 2015.
- THOMPSON, Nato. **Seeing Power**: art and activism in the twenty-first century. Brooklyn, Melville House, 2014.
- TSUI, Lokman. **The hyperlinked society**: questioning connections in the digital age (The new media world). Ann Arbor, University of Michigan Press, 2008.